

ALGUMAS ELUCUBRAÇÕES SOBRE O DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA VITÓRIA, SOBRE A FALTA DE DOCUMENTOS, SOBRE A MEMÓRIA ORAL E A NECESSIDADE DE "FALARMOS DO NOSSO QUINTAL"

*Dedico este artigo às memórias de **Sebastião Alexandrino de Ávila** (1928-2008) e dos meus antepassados que viveram no sub-burgo são-joanense de São Sebastião da Vitória.*

Este escriba sempre acreditou que uma melhor compreensão das diversas estruturas setecentistas e oitocentistas dos nossos arraiais pode ser importante para o entendimento da formação social das atuais cidades. Sempre considerei que as referências rurais ainda estão muito presentes na formação das identidades culturais dos atuais sítios urbanos, principalmente no que se refere à relação dos nossos distritos com a cidade de São João del-Rei, assim como acontece entre outras plagas destas "muitas Minas". O desenvolvimento satisfatório de uma cultura tornar-se-á cada vez mais visível e consistente a partir do momento em que a população se reconhecer através da sua história e, assim, passar a ter a auto-estima elevada e se interessar em percorrer, sem ressalvas, as várias facetas das nossas ancestralidades.

A filósofa judaico-alemã Hannah Arendt (1906-1975), mais conhecida como a "pensadora da liberdade", entendeu que aquilo que importa na retomada do passado é a possibilidade de narrar experiências que possam ser apreendidas e que revelem o sentido dos acontecimentos contemporâneos, encontrando correspondências entre o passado e o presente. A História deve buscar o passado fragmentado e não transmitido pela tradição, composto pelas memórias esquecidas, aquelas que somente podem ser contadas pelos que pertenciam às causas derrotadas ou minoritárias. O tempo presente não pode esquecer e nem domesticar o passado; mas a tentativa de recuperar o passado é a mais importante garantia de que tenhamos um sentido para o presente. Ao recorrermos à memória dos relatos e dos testemunhos das épocas passadas, estaremos transformando essas narrativas em História e fazendo com que o que era um mero "amontoado de fatos" ganhe mais sentido. O narrador da história deve ser aquele que procura um sentido nas ações humanas e encontra nelas uma conexão com os acontecimentos que se precipitam no presente. A importância do narrador não está em criar uma imagem do passado, tirando-lhe a autenticidade, mas em transformá-lo numa experiência única e que possa renovar o futuro com seu reconhecimento no presente. Um sentido histórico só pode ser apreendido se o acontecimento passado for interrogado.

Assim, lembrando daquilo que Aleksandr Púchkin disse e que Tolstói repetiu por muitas vezes: “quer ser universal, conheça primeiro o seu quintal”¹, ousou começar a escrever alguma coisa sobre o distrito são-joanense de São Sebastião da Vitória. Início esta escrevinhação registrando algo, registrando alguma coisa, ainda que de maneira elementar, a respeito das origens das devoções ao mártir São Sebastião e Nossa Senhora das Vitórias (ou Nossa Senhora da Vitória), oragos do local².

Sebastião nasceu em Narbona, na França, no final do século III. Há quem o tenha como italiano, nascido na cidade de Petrória ou Milão; Santo Ambrósio afirmava que ele era milanês de nascimento. Sebastião alistou no serviço militar de Roma e tornou-se um dos oficiais prediletos do Imperador Diocleciano e comandante da sua guarda pessoal. Valendo-se de seu alto posto militar, fazia visitas frequentes aos cristãos que se encontravam presos e prestes a serem levados ao Coliseu, aonde certamente seriam devorados por leões ou mortos em lutas com gladiadores. A fama de benfeitor dos cristãos se espalhou e fez com que Sebastião fosse denunciado por um soldado. Assim, o Imperador tentou fazer com que Sebastião renunciasse ao cristianismo; ele não negou a sua fé e foi condenado à morte. Então, foi amarrado a um troco de árvore e alvejado com flechadas e o deixaram a sangrar para morrer. À noite, algumas mulheres foram ao lugar da execução para recolher o corpo e dar-lhe sepultura, mas notaram que Sebastião ainda estava vivo. Então, elas o levaram e cuidaram de seus ferimentos. Restabelecido, Sebastião voltou a disseminar abertamente o cristianismo e ao se apresentar a Diocleciano, pediu-lhe para que deixasse de perseguir os cristãos. Ignorando os pedidos de seu ex-oficial, o Imperador ordenou que Sebastião fosse espancado até a morte e que seu corpo fosse jogado nos esgotos da cidade de Roma. Uma mulher chamada Luciana, mais tarde Santa Luciana, retirou-o das cloacas romanas e sepultou-o nas catacumbas. O dia consagrado a São Sebastião é o 20 de janeiro, pois acredita que este foi o dia da morte dele, no ano de 288. A iconografia de São Sebastião é bastante reconhecida: o Santo, que passou a ser venerado contra os males da peste, fome e guerra, é apresentado seminu, atado a uma árvore e com o corpo crivado de flechas.

Sabe-se que um mesmo episódio histórico deu origem ao título de Nossa Senhora das Vitórias, de Nossa Senhora Auxiliadora e de Nossa Senhora do Rosário; são títulos considerados trigêmeos e se referem à

¹ A assertiva “seja universal, fale do seu quintal” é comumente atribuída ao escritor russo Liev Tolstói. Mas o autor da frase foi o poeta, prosador e dramaturgo russo Aleksandr Púchkin. Há registro de que um jovem escritor russo procurara por Púchkin, indagando dele como fazer com que um romance se tornasse universal? Púchkin respondera: “Queres ser universal? Fale sobre o seu quintal” (ou sobre a sua aldeia). O jovem escritor que consultou a Púchkin era Nikolai Gogol, autor do romance “Almas Mortas”, obra-prima da literatura universal.

² Os hagiopônimos (localidades com nomes de santos) proliferaram em todo o Brasil, especialmente no Estado de MG.

vitória na batalha dos cristãos sobre os turcos maometanos, em Lepanto³; Nossa Senhora Auxiliadora – por causa do seu auxílio aos Cristãos na referida batalha, Nossa Senhora do Rosário – por causa de uma das armas usada ter sido a do Santo Rosário e da(s) Vitória(s) – por causa da grande vitória final, no golfo de Lepanto, assim eternizadas com o epíteto “Auxilium Christianorum”. Além do nome Nossa Senhora das Vitórias, o povo cristão também homenageia a Mãe de Deus com o título de Nossa Senhora de Lepanto. O título de Nossa Senhora da Vitória foi dado a Maria pelo papa Pio V, depois da Batalha de Lepanto, ocorrida em sete de outubro de 1571, por estar firmemente persuadido de que essa vitória fora obtida por uma particular proteção da Virgem Maria. Há registro de que no mesmo instante da vitória obtida em Lepanto, o Papa Pio V e o seu tesoureiro estavam reunidos em Roma, na sala do Consistório; de repente, o papa se levantou, foi até a janela, olhou para o céu e falou: “Ide com Deus. Agora não é hora de tratar dos negócios, mas sim de dar graças, pois nossa esquadra acaba de vencer”. O registro desse acontecimento consta do processo de canonização de São Pio V⁴. O dia consagrado a Nossa Senhora das Vitórias e a Nossa Senhora do Rosário é o sete de outubro; a celebração de 24 de maio é dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora e remonta ao pontificado do Papa Pio VII, lembrando da sua libertação do cativeiro, por Napoleão, em 1814, quando retornou triunfalmente a Roma, retomando o poder pastoral.

Nossa Senhora da Vitória (ou das Vitórias), ou Santa Maria da Vitória, são devoções antigas no Brasil. Quando Tomé de Souza, primeiro governador-geral veio para o Brasil, em 1549, já encontrou junto à cidade de Salvador uma capela dedicada a Nossa Senhora da Vitória. Existiu também a antiga Vila de Nossa Senhora da Vitória, embrião da atual cidade de Vitória (fundada em 1551, pelo donatário Vasco Fernandes Coutinho, na então Capitania do Espírito Santo), capital do estado capixaba. A iconografia de Nossa Senhora da Vitória e de Nossa Senhora das Vitórias é menos conhecida em comparação com as invocações Rosário e Auxiliadora. Nossa Senhora da Vitória é representada de pé, com o Menino Jesus no braço esquerdo e segurando uma palma na mão direita; veste túnica coberta por um manto enfeitado com desenhos dourados; sobre o véu usa uma coroa, que aparece também na cabeça de seu filho. Nossa Senhora das Vitórias é representada de pé, vestida com túnica branca e manto azul envolvendo o corpo; ampara com as duas mãos o Menino Jesus, já grandinho e de pé sobre um globo terrestre, colocado ao chão, à direita de Maria. Ambos estão coroados.

Segundo a tradição oral, embora não seja essa a hipótese mais provável, o nome do distrito de São Sebastião da Vitória teve sua origem

³ A batalha foi travada no Golfo de Lepanto (Grécia). Acredita-se que, no fragor da batalha, os soldados adversários tinham avistado acima dos mastros da esquadra católica, uma Senhora que os aterrava com seu aspecto majestoso e ameaçador.

⁴ Pio V nasceu em 1504 em Bosco, Itália, de nobre família Ghislieri. Foi canonizado por Clemente XI. Pio V morreu em 15 de maio de 1572, tendo seu pontificado durado seis anos e três meses; seu corpo descansa na Igreja de Santa Maria Maggiore (Roma).

ligada à Guerra dos Emboabas, conflito entre paulistas e portugueses, ocasião em que os últimos comemoraram a vitória, em 1709, fincando uma grande bandeira vitoriosa e outras, menores, a aproximadamente 6 km da atual sede distrital, localidade até hoje conhecida pelo nome de Povoado ou Alto das Bandeirinhas⁵. Mesmo não havendo fundamentação documental desses fatos, especialmente ao episódio referente à Guerra dos Emboabas que possa ter acontecido no Distrito, achei importante registrá-los aqui como minha homenagem à memória oral daquele povo⁶.

Quanto à polêmica em torno da utilização da oralidade como fonte histórica, atualmente já é possível atribuir-lhe uma importância que antes era negada. O reconhecimento desta tradição como válida contrapõe-se aos registros escritos de caráter unívoco e contribui para subverter a "memória do rei", questionando, de certa forma a história oficial, tida como "verdadeira". Não seria, então, a história oral, fonte ou forma qualificada para dar conta da vivência e da formação social das nossas comunidades rurais, tão desprovidas de fontes documentais? A nossa memória oral pode ser um formidável libelo para a reconstrução da realidade. Se uma tensão for fomentada para desqualificar as concepções, as práticas, os depoimentos e os saberes populares, creio que abriremos espaços restritos aos círculos acadêmicos formais e daremos aval apenas aos especialistas que muitas vezes podem estar afetivamente identificados com os vencedores. Se houver essa "identificação afetiva com o vencedor", será produzida uma narrativa histórica que no dizer de Walter Benjamin⁷, "não tem cessado de vencer". Negar aos mais simples o direito de contar as suas histórias foi e ainda pode ser um instrumento de dominação.

Há de se considerar que antigamente, no Brasil periférico da zona rural, principalmente nos "sertões" destas "muitas Minas", a maior parcela da sociedade era constituída de pessoas iletradas, semi-analfabetas ou analfabetas; mesmo que assim não o fosse, a população rural não reconhecia e nem valorizava os registros memoriais documentais. Destes fatores decorreu uma infeliz falta de documentos escritos sobre a nossa história distrital.

Sabemos que muitos dos registros documentais se perderam, alguns foram propositalmente destruídos, doados ou comercializados ilegalmente, e boa parte ainda se perde ou repousa em um canto qualquer, corroída diariamente pela ação do tempo, por térmitas, ratos ou

⁵ A Guerra dos Emboabas até hoje é uma história que não está muito bem esclarecida.

⁶ Tradição oral ou memória oral é a preservação de histórias, lendas, usos e costumes, através da fala. É muito mais um testemunho, privilegia o que se sabe por ouvir dizer ou a informação que se tem por conhecimento próprio, sem fundamentação em fontes primárias. É o escrever a história com a "voz" dos seus próprios atores, transmitida de geração em geração.

⁷ Walter Benjamin (1892-1940), pensador alemão (de família judaica) ligado à Escola de Frankfurt; em suas obras, apresenta um forte cunho político com a influência e crítica das três principais correntes político-econômicas do século XX: o Capitalismo, o Socialismo e o Nazi-fascismo. Seu método historiográfico "desmontou e remontou os fatos históricos como textos e fragmentos, buscando nova correlação textual, a fim de descobrir as intenções escondidas dos grupos".

pelas goteiras. Os documentos que ainda resistem estão, em sua maioria, em locais “incertos e não sabidos”; e quando são encontrados é preciso ajuntá-los cuidadosamente para que não se desintegrem, como se fossem cacos arqueológicos. Outros documentos pertencentes ao Município de São João del-Rei, não só os rurais, mas também os urbanos e/ou eclesiásticos, para a nossa tristeza, foram desviados em épocas remotas ou recentes, de má-fé, atendendo a interesses pessoais, comerciais e escusos. Com os documentos acontece mais ou menos a mesma coisa que acontece com outros patrimônios culturais: tudo é tramado na “calada da noite”, assim como registrou a filósofa Marilena Chauí: “em 1989, numa madrugada silenciosa, a Avenida Paulista foi sacudida por um ruído que quebrou as vidraças, tremeu a terra e assustou os cidadãos. Membros da família Matarazzo haviam tentado implodir a mansão para poder negociar o terreno mais valioso da cidade de São Paulo”. Depois disso a mansão começou a ruir aos poucos, sob a desconfiança de que as suas colunas haviam sido danificadas. Mais tarde, em 1996, a mansão foi totalmente demolida...⁸.

Então, como tentar recuperar a memória ou recompor a História? Há que se desencastelar de posições tradicionalistas e tentar reconstituir essa parte “faltante” da nossa memória com a maior fidelidade possível, usando da oitiva de narrativas orais que são passadas de geração em geração, mesmo que estes depoimentos não sejam objetos do interesse imediato dos arquivistas ou documentalistas. Cada comunidade tem na memória os acontecimentos que são os pontos de amarração de sua história, como bancos de dados que são transmitidos de geração em geração. As relações orais entre a memória e a história já foram mais contestadas, mas atualmente, felizmente, se abrem para a aceitação de testemunhos verbais, não os desqualificando, mas os adotando como fontes importantíssimas para preenchimento das lacunas que foram deixadas pela precariedade ou pela inexistência de documentos escritos. Assim, acredito que a tradição oral, na falta de fontes documentais escritas, pode ser utilizada na recuperação da história distrital são-

⁸ Em São João del-Rei, não temos apenas exemplos de sornateiras demolições de casarões no mesmo estilo do da família Matarazzo; também temos notícias do desaparecimento de muitos documentos importantes. Alguns pequenos exemplos: uma biblioteca que era do padre Miguel Afonso de Andrade Leite, a despeito das lamurias advertências minha e do prof. Oyama de Alencar Ramalho, desapareceu da casa onde viveu o virtuoso sacerdote, no distrito de São Miguel do Cajuru; não se sabe e certamente nunca mais saberemos se ela abrigava raridades. O livro que traz o Assentamento de Batismo do nosso conterrâneo Joaquim José da Silva Xavier, o “Tiradentes”, foi vendido ilegalmente por Samuel Soares de Almeida para a Biblioteca Nacional (RJ), juntamente com outros documentos sobre Tiradentes, em dezembro de 1938, pelo valor de 6:000\$000 de réis. O primeiro livro de atas da Academia de Letras de S. João del-Rei e outro muito mais recente estão desaparecidos. O primeiro livro de atas da OAB de São João del-Rei, contendo a assinatura do dr. Tancredo Neves, também está desaparecido, segundo informação de Wainer Ávila. Por onde anda o original do Auto de Levantamento da “Villa de São João d’El-Rey”? Alguns registros dos Livros de Termos da Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Francisco foram datilografados pelo monsenhor José Maria Fernandes; onde estão os originais? Partituras e outros acervos musicais foram extraviados; se pudesse nos dizer algo, o que nos diria sobre este assunto o reconhecido e renomado pesquisador Curt Lange? O livro que contém o assentamento de batismo de Francisca de Paula de Jesus (*Nhá Chica*) estava desaparecido; e como por um milagre, foi devolvido anonimamente ao monsenhor Sebastião Raimundo de Paiva, na Paróquia do Pilar.

joanense, constituindo-se em instrumento de (re)construção da identidade dos nossos antepassados, aquela gente “da roça” que “mal sabia rabiscar o nome”. Àqueles rurais estavam excluídos os entendimentos de que os documentos escritos são os que “falam por si” e são as boas e necessárias provas dos acontecimentos. Não era usual para aquela gente o uso de documentos escritos. Nos tais “sertões” de Minas não havia quase escritos, a não ser alguns testamentos e, a partir de 1854, registros de terras que era realizado pelos vigários (todos os “donos” de terras, sesmeiros ou simples possuidores, deveriam declará-las aos padres de suas paróquias). Era uma sociedade oral, onde o conhecimento era transmitido para os ouvidos de boca em boca; as mãos grossas e calejadas não estavam aptas e nem bem preparadas para segurar as penas e os papéis; costumavam, com muito mais ânimo e alegria, manejar as enxadas, debulhar os grãos, segurar os cabos de relhos, os laços e os chifres dos bois, os úberes das vacas ou as cabeças dos arados. Era a sociedade do trabalho e da conversa, à noitinha, no rabo do fogão a lenha, ou no domingo, após a missa no arraial. Assim, será conversando com as pessoas desse meio que buscaremos saber como foi o passado delas, quem foram e quem são, além de querermos, também, saber quem somos, pois como perguntou Walter Benjamim: “não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos das vozes que emudeceram?”. Com efeito, na roça, a memória girava em torno da transmissão oral das experiências que eram lembradas de geração para geração. A palavra tinha um sentido muito sagrado. É importante lembrar que até mesmo para garantir a ética dos negócios, não se usavam papéis escritos; muitas das vezes era comum, conforme sabemos, na civilização rural, o simples uso do “fio do bigode” para oficializar um acordo⁹.

Em São Sebastião da Vitória, dentre todas as outras fazendas¹⁰, destacava-se a antiga Fazenda da Vitória, pertencente a Francisco Ribeiro da Silva, vulgo “Chico Nenê”, porque se acredita que foi dentro dela que começou o arraial. O filho mais velho de Francisco e Possidônia, Eugênio Ribeiro da Silva, vulgo “Papageno”¹¹, pode ser considerado o “fundador” do atual distrito de São Sebastião da Vitória, que começou a florescer ao redor de sua residência, nas terras recebidas de herança paterna. Nos

⁹ Na zona rural, um acordo quando firmado, principalmente nos séculos XVIII, XIX (e até mesmo no XX), era avalizado pela entrega de um fio do bigode do devedor ao credor, em garantia do que havia sido contratado. Este costume nos lembra dos bons tempos em que a palavra empenhada ainda tinha muito valor e dispensava documentos assinados para a concretização de negócios.

¹⁰ Antes de 1850 o território que constituía o atual distrito, segundo pesquisas de Sebastião Alexandrino de Ávila, consistia em “uns dez latifúndios pertencentes às famílias: Velho (moradores do Engenho de Serra), Baía, Lavra (na divisa com S. Miguel do Cajuru), Amaral, Moreira e Ávila (ambos entre S. Sebastião da Vitória e S. Miguel do Cajuru), Ribeiro da Silva (moradores da atual Vila e seus arredores), Batista, Abreu, Severino, Vale e Paiva.”.

¹¹ “Papageno” casou-se com Zeferina Cândida de Jesus e faleceu em 03 de novembro de 1944, com mais de 100 anos. Sua casa não mais existe, mas ficava quase no centro do arraial, à margem da estrada boiadeira, em uma colina. Teve duas irmãs: Joana d’Arc Ribeiro da Silva e Ana Maria Ribeiro da Silva. É curioso observar que “Papageno” é também o nome de um personagem fictício da ópera *A Flauta Mágica*, de Mozart.

primórdios, segundo relato de Sebastião Alexandrino de Ávila¹², o arraial era simples, com poucos fogos e almas. Havia a rua principal, comprida, atravessando o povoado. Outras duas ruas, menores, denominavam-se "Rua de Baixo" e "Rua do Pito Aceso", além de uma ruela, o "Beco do Sr. Messias". A "Rua do Pito Aceso" era assim conhecida porque nela moravam alguns negros idosos, oriundos da Fazenda do Rincão e da Fazenda Vitória (de "Chico Nenê"). Aqueles negros se reuniam à tarde-noite, na porta de seus casebres de pau-a-pique, contavam casos de assombração, trançavam laços e cordas em couro e fumavam seus abrasados cachimbos de barro e cigarros de palha, daí o nome de *pito aceso*! Durante a noite era costume organizarem-se danças nos terreiros, aos sons de cordas e percussão.

Antes de existir a primitiva igreja, a assistência religiosa em São Sebastião da Vitória era prestada preferencialmente pelos vigários de São Miguel do Cajuru, dentre eles o Pe. Isidoro Corrêa de Carvalho e Pe. José Bonifácio dos Santos, que celebravam as missas em um altar portátil.¹³ Por volta de 1889, o Pe. Francisco Sales Torga foi o religioso do local, até ser nomeado seu sucessor, o Pe. Francisco Goulart, que atendeu aquele povo de 1920 até 1924. Em 1930 assumiu a paróquia o Pe. Pedro Francisco Onclin e em 1942 o Pe. Miguel Afonso de Andrade Leite. A partir de 1952, assumiram: Pe. Lopes, Pe. Lúcio José dos Santos, Pe. José Roberto Vale da Silva (1988-1989), Pe. Fábio Rômulo Reis (1989-1993) e em 1995 assumiu o Pe. Sílvio Firmo do Nascimento, que é o vigário atual.

Em 28 de abril de 1880 o Pe. José Bonifácio dos Santos solicitou a autorização ao então bispo de Mariana, D. Antônio Maria Correia de Sá Benevides, para edificação de uma capela que seria filial da Capela de São Miguel do Cajuru. O povo se uniu e, com muito trabalho e sacrifícios, foram organizados variados eventos em benefício da construção do templo (nessas horas, como ainda é costume, as listas correm, os moradores colaboram como podem e os recursos sempre aparecem!). Foi também construído um cemitério, anexo à Capela. A Capela de Nossa Senhora das Vitórias foi elevada à categoria de Matriz de São Sebastião, através do Decreto Canônico de D. Helvécio Gomes de Oliveira (Arcebispo de Mariana) em 25 de março de 1925; o Cônego João Batista da Trindade, então vigário de Conceição da Barra de Minas, foi designado para dar assistência à paróquia recém-criada; passava uma quinzena em São Sebastião da Vitória e outra em Conceição da Barra, transitando entre as duas localidades a cavalo.

¹² Sebastião Alexandrino de Ávila nasceu em S. Sebastião da Vitória, no ano de 1928. Era pesquisador da nossa história distrital, promotor de justiça e sócio correspondente da Academia de Letras de São João del-Rei. Residia em Prata, cidade do Triângulo Mineiro. Faleceu aos 15 de janeiro de 2008. Numa de suas últimas visitas a São João del-Rei ele me entregou algumas anotações históricas e me fez o pedido de que, caso necessário, eu as "aproveitasse da melhor maneira possível". É o que estou fazendo ao escrever este artigo.

¹³ Antigamente, alguns padres tinham licença privilegiada para o uso do altar portátil, em função de suas constantes e penosas viagens evangelizadoras; onde não houvesse capela e nem igreja, celebravam a Missa em uma pequena pedra retangular.

Desta forma, continuando com o meu relato distrital, é aceitável que as origens das devoções e dos nomes São Sebastião e Vitória, nas suas hipóteses mais prováveis, tenham aparecido pelo fato de o Santo ser o padroeiro dos fazendeiros e da lembrança da velha fazenda da Vitória e, também, foi sedimentado a partir da construção da primeira capela, denominada Nossa Senhora das Vitórias, inaugurada em 04 de outubro de 1884, pelo do Pe. José Bonifácio dos Santos, então vigário de São Miguel do Cajuru. Da comissão construtora daquela primitiva igreja, com o tradicional capanário construído separado do seu corpo, fizeram parte os senhores Antônio Francisco da Silva, José Pedro de Ávila, José Lopes da Silva, Pedro Minas Camargo, João Pedro de Ávila e Olímpio Moreira de Carvalho, dentre outros.

A atual matriz, bem mais nova, mais ampla e confortável, teve sua construção iniciada em 19 de março de 1961, graças aos esforços do pe. Antônio Batista Lopes, com a ajuda do povo. Em 19 de janeiro de 1964 foi então inaugurada a obra. Neste dia, com pompa e circunstância, foi transportada a imagem do glorioso São Sebastião, da igreja antiga para a nova. Embora sem confirmação, ouvi dizer desde criança que na nova Matriz há (ou havia?) uma relíquia do mártir São Sebastião, um pedaço de osso, conseguido em Roma por D. Delfim Ribeiro Guedes, finado bispo da Diocese de São João del-Rei.

Em todos os arraiais eram organizadas as irmandades e não foi diferente em São Sebastião da Vitória. Uma antiga associação — Damas do Sagrado Coração de Jesus — foi criada em 07/08/1921 pelo Pe. Francisco Goulart, então vigário de São Miguel do Cajuru. Essa Associação transformou-se na Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, mais conhecida como “Apostolado da Oração”. A Associação das Filhas de Maria foi criada em 1953 e a Irmandade do S.S. Sacramento em 1965. Há Conferências Vicentinas; e o Centro Social São Sebastião foi inaugurado em 1967 para prestar assistência médica aos carentes, tendo celebrado seu primeiro convênio com o extinto FUNRURAL, em 1968.

A primeira Semana Santa foi realizada externamente em 1964, com a aquisição das imagens do Senhor dos Passos, de N. Sra. das Dores e do Senhor Morto, providenciadas pelo Pe. Antônio Domingos Batista Lopes. A festa do padroeiro daquele distrito acontece em vinte de janeiro, quando há novenário solene, missas e procissão do padroeiro. Era e ainda é característica dessa festa a apresentação das Folias de São Sebastião, a promoção de leilões de gado e de prendas miúdas.

O primeiro vigário residencial do Distrito foi o dinâmico Pe. Antônio Domingos Batista Lopes, empossado em 18 de abril de 1952. Foi a partir dessa data que o Distrito começou a conquistar alguns melhoramentos substanciais. O binômio “Pe. Lopes - São Sebastião da Vitória” ficará por todo o sempre gravado positivamente na memória dos locais, sobretudo daqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-lo. Pe. Lopes nasceu aos 04 de agosto de 1921, ordenou-se em 08 de dezembro de 1956 e faleceu no dia 30 de novembro de 1988. Está sepultado dentro

da igreja do distrito. Vale dizer que sob o comando político de Tancredo de Almeida Neves a representação política da Vila coube ainda que oficiosamente ao Sr. Sebastião Procópio de Carvalho, que mantinha uma perfeita comunhão de ideias com o Pe. Lopes, e este, por sua vez, gozava de muito prestígio junto aos políticos.

Numa época em que a Igreja ainda era bem mais conservadora, o Pe. Lopes era bastante procurado por pessoas que desejavam receber os sacramentos negados por outros sacerdotes tradicionalistas. Sem muitos rodeios ele batizava, perdoava pecados, casava¹⁴, fazia funerais, celebrava e dava unções, indistintamente. Pe. Lopes foi um emissário de Deus que, tal como o Cristo, sempre se manifestou acima de quaisquer ressalvas, intolerâncias ou preconceitos. Desconsiderava raças, credos, cores das peles, situação econômica, nacionalidades, beleza, padrões e escolaridade. Sua ação sacerdotal declinava da observação destas diferenças, para bem cumprir o seu livre ministério sacerdotal evangelizador, acolhendo a todos com humildade e disponibilidade. Quem o conheceu, sabe bem do que estou falando.

O ato oficial de criação do distrito remonta à época em que o governador do estado era Chrispim Jacques Bias Fortes. À época, foi nomeado o Sr. José Lopes da Silva para titular do Cartório de Registro Civil. Depois, assumiu José Lopes de Ávila (que tomou posse em 02 de maio de 1936 e trabalhou até 18 de outubro de 1966) e Janir Lopes de Ávila (de apelido "Nini") que assumiu o cartório interinamente, até o final do ano de 1968. O primeiro registro de nascimento lavrado foi o de José Batista de Carvalho, vulgo "Zeca do Cortume" e o primeiro casamento civil foi o de Maria da Conceição de Carvalho (com quem?!). Em 1968, tomou posse com escritã Afonsina de Andrade Leite.

A primeira iluminação incandescente do local aconteceu em 1953/4, através da energia gerada por um motor a óleo, instalado nos fundos da Casa Paroquial, pelo Pe. Lopes. O abastecimento d'água sempre foi um dos grandes problemas do distrito. Há notícias de que o Dr. Basílio de Magalhães tentou dotar a localidade de água potável e encanada, mas que, por motivos políticos, ainda nebulosos, sua pretensão não alcançou êxito. Um rudimentar abastecimento d'água foi mantido durante anos, através de carneiro hidráulico e, depois, através de bomba movida a diesel, ambos providenciados pelo Pe. Lopes; em 1962, o prefeito Nelson José Lombardi instalou bomba hidráulica elétrica, aposentando de vez o bom e velho carneiro. Contudo, a distribuição de água foi solucionada de

¹⁴ Principalmente na roça, quando os pais da moça não concordavam com o casamento, ela, caso ficasse descontente, para afrontar a família, quase sempre fugia com o amado, geralmente durante a madrugada. Falava-se que o namorado tinha "roubado a moça" e a situação era embaraçosa para as famílias. Sem condições de correr os papéis para o casamento civil, o casório perante a Igreja era negado pela maioria dos sacerdotes. Lembro-me que do Distrito de São Miguel do Cajuru já saíram casais nesta situação para serem abençoados pelo Pe. Lopes em São Sebastião da Vitória, com padrinhos arranjados às pressas, noivo sem terno, noiva sem vestido branco, sem buquê de flor de laranjeira e cerimônia sem festa. O padre colocava a estola no ombro dos noivos e os declaravam casados perante o Deus e a "Santa Madre Igreja"!

modo mais satisfatório com a iniciativa do prefeito Octávio de Almeida Neves¹⁵, em 1977, ocasião em que foi construído um novo depósito com boa capacidade de distribuição (cerca de 180 mil litros/dia).

O primeiro “professor leigo”¹⁶ que o distrito conheceu foi José Lopes da Silva, homem de boa cultura para aquela época. Era remunerado pelos pais dos alunos e oferecia instrução em sua própria casa. Depois dele, da mesma forma, prestou assistência educacional informal o Prof. Domingos Soriano, que foi sucedido pelo Prof. Virgílio Gurgel. Desde 1909, o ensino foi mantido pelo Estado. A primeira professora foi a Sra. Ernestina Pacheco de Barros, que regia a Escola Mista S. Sebastião. Lecionaram na localidade, além de outras normalistas, Alzira de Melo, Izabel da Conceição Pereira, Mercedes Borges de Oliveira... Em novembro de 1933, através de doação de terreno pelo Sr. Olímpio Moreira de Carvalho e com a ajuda do coronel José Pedro Teixeira, Luís Ávila e outros, o prefeito José do Nascimento Teixeira inaugurou o prédio escolar que até hoje, em sua homenagem, leva o nome de Escola Estadual Nascimento Teixeira (conforme Decreto Estadual 7518, publicado no Minas Gerais de 10 de março de 1964). Em 1934, instalou-se a Escola Primária local, sob a direção da Normalista Benvinda da Conceição Ferreira, coadjuvada por sua mãe Josefina Ferreira e sua irmã Margarida Maria Alacoque. Em 1942, foi criada mais uma sala de aula, regida pela Prof.^a Ana Lopes da Silva, e em seguida por Afonsina de Andrade Leite. Foram mestres no distrito as normalistas Vicentina Ávila, Bernadete Andrade Leite, Nice Andrade Leite e José Maria Rodrigues de Oliveira, além de um hoje expandido e competente número de professores. No múnus de inspetores escolares, destacaram-se: Olímpio Moreira de Carvalho, José de Oliveira Lima, José Lopes da Silva Filho, José Hipólito do Nascimento, Miguel Augusto Teixeira, Sebastião Procópio de Carvalho, Otaviano José de Oliveira, Silvério Ribeiro de Carvalho, Francisco Augusto Teixeira e Pe. Lopes.

No Distrito estão em funcionamento as seguintes escolas rurais municipais, mantidas pela Secretaria Municipal de Educação (Prefeitura de São João del-Rei): E.M. José Ribeiro da Silva (na região do Valo Novo/Mato Grosso); E. M. José Virgílio Leite (na Vila de Caquende – escola fundada em 1902); E.M. João Batista Trindade e Silva (na região do Cruzeiro da Barra); E. Municipal João Batista de Santana (no Engenho de Serra); E, M. do Tejuco (no povoado do Tijuco)¹⁷; E.M. do Januário (no povoado de mesmo nome) e o Pré-Escolar Municipal Sementinha (situado na sede do distrito).

O virtuoso Padre Miguel Afonso de Andrade Leite (1912-1976), nascido no distrito de São Miguel do Cajuru, como era de costume,

¹⁵ Irmão de Tancredo Neves, foi prefeito de São João del-Rei de 31 de janeiro de 1977 a 25 de janeiro de 1983. Teve como vice-prefeito o dr. Euclides Garcia de Lima Filho (*Tidinho*).

¹⁶ Era uma espécie de “docente” que exercia a função sem que possuísse a habilitação formal mínima exigida; eram bastantes comuns esses professores na zona rural.

¹⁷ Sobre a grafia “Tejuco” e/ou “Tijuco”, ver a nota de rodapé nº 21.

atendia a diversas capelas rurais, assim como deu assistência religiosa ao povo de São Sebastião da Vitória, principalmente entre os anos de 1942 e 1951. O referido padre teve seu processo de canonização requerido e o assunto está em tramitação na Diocese de São João del-Rei. São Sebastião da Vitória, no ano de 1947, foi palco de um dos mais inusitados fatos ocorridos com o padre cajuruense. Numa festa política, José Ascendino queria entrar sem ter sido convidado. João Pereira da Silva, vulgo "João Pataca", que era uma espécie de porteiro na casa onde acontecia a reunião, impediu a entrada de José Ascendino; este, irritado, depois de uma discussão, desferiu-lhe várias facadas nas costas, vindo a perfurar-lhe os pulmões, ocasionando-lhe a morte. Quatro médicos que estavam participando da festa,¹⁸ apesar de o socorrerem imediatamente, nada puderam fazer e só atestaram a morte imediata de "João Pataca". Pe. Miguel fora chamado para ver o defunto e não se conformou que ele tivesse morrido sem receber a comunhão e, principalmente, sem ter perdoado ao assassino. Assim, para espanto geral, o padre começou a ordenar com veemência que "João Pataca" perdoasse a José Ascendino. Ocorreu um assombro geral, inclusive dos ditos médicos, pois, depois de meia hora do ocorrido, o defunto ergueu-se, recebeu a comunhão e disse um sonoro "sim" ao perdão que lhe fora solicitado pelo padre; depois disso, voltou a dar um último suspiro. Testemunhas deram seus depoimentos de que mediante um silêncio sepulcral, os médicos se retiraram da casa declarando que diante do fato que presenciaram deviam "rasgar os seus diplomas", enquanto o padre permanecia rezando em latim, certamente proferindo a extrema-unção ao "João Pataca". Também em Caquende, povoado localizado no distrito de São Sebastião da Vitória, aconteceu um outro fato miraculoso, com a interveniência do padre: após a celebração de um casamento o padre Miguel se dirigiu à casa dos noivos, parabenizou-os e manifestou-lhes o desejo de tomar um copo de vinho. Os recém-casados, gente bastante humilde, não tinham vinho disponível; assim, se sentiram desconfortáveis com a situação e pediram ao padre que esperasse um pouco, pois mandariam procurar nas vizinhanças uma garrafa de vinho para servi-lo. O padre, percebendo a situação, pediu para que ninguém deixasse a sala; virou-se para o filtro de água, orou e fez o sinal da cruz; pediu dois copos e começou a servir aos noivos e as demais pessoas, à vontade. Dizem que todos beberam do vinho, mas ninguém se embriagou. Ao final, o sacerdote também bebeu alguns goles, tornou a fazer o Sinal da Cruz na direção do filtro, e o recipiente voltou a ficar cheio de água. O fato, também atestado por testemunhas, entre as quais um tal de João Anastácio (morador do Engenho de Serra), deve ter sido assim como uma reedição do Evangelho de João e das Bodas de Caná¹⁹!

¹⁸ Os nomes dos médicos: José e Orestes Braga, Aristóteles Barros e Manoel Esteves.

¹⁹ Um arrazoado mais detalhado sobre a vida e obra religiosa de pe. Miguel está publicado no vol. 1 da Revista da Academia de Letras de São João del-Rei, ano 2005, páginas 113 a 125. Veja também: http://www.patriamineira.com.br/imagens/img_noticias/202753090510_Pe._Miguel.pdf

O distrito, que teve as suas terras palmilhadas pelo padre “santo” Miguel Afonso de Andrade Leite, tem também seus atrativos históricos e turísticos. A Represa de Camargos, belo lago artificial originado do represamento das águas do Rio Grande, alimenta a usina hidroelétrica de Itutinga (da CEMIG), e banha terras locais; famílias são-joanenses e outras construíram casas de veraneio às margens da represa, onde passam os finais de semana e feriados, aproveitando-se de pescarias e esportes aquáticos. Velhas fazendas ainda resistem ao tempo. Corta o distrito uma parte do trajeto original do Caminho Velho, fantásticas trilhas bandeirantes e coloniais ligando Paraty a Ouro Preto, caminhos que agora, graças ao trabalho formatado pelas mentes luzidias de Áttila de Carvalho Godoy e Oyama de Alencar Ramalho, foram convertidas no produto turístico Estrada Real²⁰. Todo o trajeto entre São João del-Rei e a Vila de Caquende, na divisa com o Município de Carrancas, incluindo a parte que corta o Distrito, foi sinalizado pelo Instituto Estrada Real com marcos onde constam dados sobre o posicionamento global (GPS), latitude, longitude e altitude, um número de telefone para ser utilizado em caso de emergência e breve texto relativo aos acontecimentos históricos e à geografia locais.

O cargo de Juiz de Paz era função importante e conciliatória por excelência; arbitrava causas de pequeno valor, impunha sua autoridade nas relações do bem-viver, lidava com a manutenção da ordem, vigiava posturas, auxiliava na condução de eleições, etc. O primeiro Juiz de Paz de São Sebastião da Vitória foi Olímpio Moreira de Carvalho. Depois assumiram o cargo: Antônio Francisco de Carvalho; Horácio Plácido de Carvalho; José Hipólito do Nascimento; Miguel Augusto Teixeira; Juvenal Zeferino da Silva; Olímpio Moreira de Ávila; José Moreira de Carvalho; Eduardo José de Ávila; Geraldo Lopes de Ávila; João Carlos de Carvalho; José Moreira de Ávila; José Nicodemos de Ávila; Mário Moreira de Carvalho; Joaquim Dâmaso...

Na política, São Sebastião da Vitória conheceu um grande chefe político do PSD, João Alexandrino de Ávila, sucedido por Luís Ávila e Olímpio Moreira de Ávila, e, depois, por Sebastião Procópio de Carvalho. O Distrito já teve seus representantes (natos ou não) na Câmara Municipal: Antônio Gonçalves Coelho, Antônio Moreira de Carvalho, José do Nascimento Teixeira, João de Almeida Magalhães, Gerardo Cid de Castro Valério, Otaviano Braga, Getúlio Guilherme Silva, Francisco de Abreu Ávila, Altamiro Braga, Wainer Carvalho Ávila, Benedito Lopes de Ávila e Tarcísio Braga da Silva.

²⁰ O produto turístico “Estrada Real e suas variantes” foi idealizado, concebido e formatado em São João del-Rei, através das iniciativas do geólogo Áttila de Carvalho Godoy e do professor Oyama de Alencar Ramalho. Eles anteviram o valor histórico e o potencial turístico dessas trilhas antes que elas se tornassem famosas e fossem adotadas oficialmente pelo Governo de MG, pela FIEMG e pelo Instituto Estrada Real; atualmente, infelizmente, quase ninguém se lembra do importante trabalho destes dois precursores. A Estrada Real é um dos maiores produtos turísticos do Brasil, senão o maior. São aproximadamente 1.600 km de caminhos, abrangendo municípios de três estados e revelando um riquíssimo patrimônio histórico, artístico, cultural, religioso, gastronômico e ambiental, dentre outros.

Na medicina, alguns filhos do Distrito se destacaram: Orestes Braga, Roosevelt Braga, Devanil Teixeira, Getúlio Augusto Teixeira, José Procópio de Abreu, João Miranda e Joaquim Miranda. No esporte, sobressaem-se dois times de futebol: Vitória Futebol Clube e São Sebastião Esporte Clube. Na música registro a existência da Banda de Música Lira de São Sebastião.

Corta a sede do distrito a rodovia BR 265, atualmente asfaltada, fazendo a ligação de Barbacena — São João del-Rei — Lavras. Antes a distância de São Sebastião da Vitória a cidade de São João del-Rei era de mais de 30 km em tortuosa estrada de terra; atualmente, depois do asfaltamento, a distância é de apenas 25 km. Um dos fatores mais determinantes para o progresso do local foi o trajeto da referida BR passar pelo centro da sede distrital; hoje, como ônus, há inconvenientes devido ao constante e pesado trânsito que vem ocasionando transtornos e acidentes.

A principal atividade econômica local é a agropecuária, com indústrias de laticínios implantadas através do Sr. Miguel Afonso Leite. Há bom serviço de telefonia, que existia precariamente desde 1978; há delegacia de polícia (desde 1976), posto de gasolina, restaurantes, serviço de correio, escolas, cartório, posto de saúde etc. O tradicional pão-de-queijo mineiro apresenta-se como um dos atrativos culinários de maior supintude de São Sebastião da Vitória. Pertencem ao Distrito os povoados/vilas do Tijuco²¹, Bandeirinha, Januário, Caquende²², Cruzeiro da Barra, Engenho de Serra e Valo Novo.

²¹ "A palavra "tijuco" é substantivo comum, sinônimo de charco, e refere-se a qualquer terreno pantanoso, lamacento, lodoso, que atola. Deve escrever-se com "i" – tijuco – e não com "e" – tejuco– como, às vezes de diz ou se escreve erradamente. Torna-se substantivo próprio quando aplicado especificamente a uma povoação ou bairro de uma cidade, como em São João del-Rei, e, nesse caso, logicamente com inicial maiúscula. No Rio de Janeiro também há um bairro denominado Tijuca, no feminino. Mas sempre deverá ser escrito Tijuco ou Tijuca, nunca Tejuco ou Tejuca. Do mesmo modo, a cidade de Diamantina, no tempo em que era um arraial, se chamou Arraial do Tijuco. O bairro são-joanense recebeu esse nome devido ao fato de existir, antigamente, na região um terreno baldio e pantanoso, onde também ocorriam os nomes de *Betume* e *Barro Preto*. Local de areias escuras e oleosas, composta de hidrocarboneto. No local havia um cruzeiro, ao qual se refere Lincoln de Sousa em seu livro *Contam que*. Um documento de 1806 já citava a *Chácara do Betume e do Morro do Cascalho*, por onde transitava a *antiga estrada e servidão pública*" (conforme escreveu o prof. Antônio Gaio Sobrinho – in: *Jornal da Associação São-joanense dos Aposentados e Pensionistas/ASAP*, São João del-Rei - MG). O dicionário HOUAISS não registra *Tejuco*, mas sim *Tijuco*, indicando a bibliografia da datação: "Padre Fernão Cardim. Enformação da Missão do Pe. Cristóvão de Gouvêa às Partes do Brasil no anno de 83 (datada de 16 de outubro de 1585)".

²² As origens da capela e do arraial de Caquende estão ligados à extração do ouro, notícia que pode ser confirmada pela existência de um antigo rego d'água que se inicia próximo ao Povoado de Jaguara (Ribeirão da Cachoeira do Bom Retiro), seguindo tortuoso e extenso percurso até um tanque (um grande reservatório) à entrada do Caquende, de onde era distribuída para lavagem de ouro nas nas "catas" que circundavam o lugarejo. O topônimo Caquende, para os locais, seria a redução do vocábulo "Cá-aquém-de", ou seja, alguém de lá, referindo-se que o lado do Caquende estava aquém do da Capela do Saco/Município de Carrancas). Em 1873 – segundo o livro *Três Ihoas*, vol. 2, conteúdo Júlia Maria da Caridade, da autoria de José Guimarães – já existia uma ponte sobre o Rio Grande, fazendo a ligação Caquende-Capela do Saco. O topônimo "Kaquende" pode também ser de origem brasílico-indígena ou de origem Iorubá (Nagô), um idioma da família lingüística nigero-congolesa, falado na República do Benin e ao sul do Saara - África.

Esta precária tentativa de historiar o Distrito de São Sebastião da Vitória, não tem outra intenção a não ser a de fazer vir à tona a nossa rica história rural, antiga aspiração do meu saudoso tio José de Alencar Ávila Carvalho (1925-2000). De certa forma, é a continuação do cumprimento de uma promessa que lhe fiz quando já estava em seus derradeiros dias. Deixo aqui, então, estas pistas como uma provocação àqueles que se interessarem e tiverem documentos e mais dados disponíveis sobre a história do distrito, que cooperem com esta narrativa, corrigindo-a, enriquecendo ou completando-a. Muita coisa ficou ausente e o pouco que aqui se apresenta é uma provocação (no bom sentido da palavra) e deve ser considerado como o início de uma pesquisa que ainda carece de ser muito bem mais desenvolvida²³. Apesar da controvérsia da quase ausência de fontes escritas e da muita oralidade a respeito da nossa história distrital, acredito que nelas há elementos a serem bem aproveitados e dos quais nos devemos muito orgulhar. Se acontecer um avanço maior nestas pesquisas, dar-me-ei por muito bem pago!

Ainda há por aqui, nesta mesorregião dos Campos das Vertentes, nos arredores da antiga sede da Comarca do Rio das Mortes, espalhadas pelas beiradas destes Caminhos Reais, ricos relatos históricos. Essas histórias estão pedindo voz e vez. São registros que estão adormecidos e encontram-se depositados sob a poeira do tempo, às margens destas ricas trilhas bandeirantes dos distritos de São Miguel do Cajuru²⁴, São Sebastião da Vitória, Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno²⁵, São Gonçalo do Amarante (ou São Gonçalo "do Brumado"?)²⁶ e Emboabas (por que não voltar a nominá-lo com o seu topônimo original de "São Francisco do Onça"?)²⁷. São registros memoriais que esperam pela hora de serem bem levantados, discutidos e melhor analisados. Quem sabe a

²³ "A história permanece uma ciência em construção, à imagem da nossa sociedade, da qual é indissociável" (François Dosse, in: "*L' Histoire en miettes*").

²⁴ Sobre este distrito ver o artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, vol. IX, ano 2000, páginas 76 a 111.

²⁵ O nome primitivo era Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno; foi empobrecido para Rio das Mortes, da década de 1930 até a recuperação do topônimo original, em agosto de 2007. A ocupação do local data do século XVIII. Foi neste distrito que nasceu a beata Francisca Paula de Jesus, "Nhá Chica", que poderá vir a ser a primeira santa brasileira leiga e negra (para saber mais sobre Nhá Chica, ver artigo na Revista da Academia de Letras de São João del-Rei, volume II, ano 2006, páginas 141 a 161).

²⁶ São Gonçalo do Brumado é o topônimo primitivo da localidade; remete-nos à Fazenda e ao Ribeirão do Brumado, que corta aquelas terras. Em 1923 o nome da localidade foi alterado para Caburu. Em 1990, a Câmara Municipal de São João del-Rei, através da resolução nº. 1081, alterou o nome para São Gonçalo do Amarante, quando deveria, por razões de tradição histórica, tê-lo alterado para São Gonçalo do Brumado.

²⁷ A localidade é muito antiga. A capela dedicada a São Francisco foi erigida entre os anos de 1727/28. A Freguesia surgiu com a Lei 1199, de 09 de agosto de 1864. A paróquia de São Francisco do Onça foi instituída por provisão de 11 de março de 1887 e teve como primeiro vigário o Pe. Lourenço Sabatelli. Em 1901 o distrito já aparece com a denominação de São Francisco do Onça; a denominação foi reduzida para Onça, pelo decreto-lei 148, de 17 de dezembro de 1938. Pelo decreto-lei 1058, de 31 de dezembro de 1943, novamente a denominação foi alterada, de Onça para Emboabas.

Universidade (UFSJ) possa usar de seus professores e alunos dos cursos de graduação, especialmente dos de História, para “falar do nosso quintal”?

É preciso começar a (re)conhecer e a cantar a nossa própria aldeia, falando dela cada vez mais e melhor! Façamos, então, de modo bem estruturado, com propriedade, com gosto estético²⁸ e com muita autenticidade, antevendo que esta nossa aldeia é nativamente bela e importante no âmbito de um variado universo e diante de todas as culturas. O que nos importa é a relevância e a qualidade do que descobriremos, é desvendar uma parcela ínfima do universo infundável que é a nossa aldeia. É preciso fazer isso sem temer a questão de ser rotulado como local ou regional²⁹, sem violentar o nosso modo de vida e sem depreciar as nossas melhores tradições diante de quaisquer outras, por mais respeitáveis e transcendentais que elas possam ser.

Então, por assim ser, cantemos a nossa aldeia e façamos do nosso quintal com a alegria e a união dos galos que João Cabral de Melo Neto³⁰ nos anunciou em “Tecendo a Manhã”- 1: “Um galo sozinho não tece uma manhã: / ele precisará sempre de outros galos. / De um que apanhe esse grito que ele / e o lance a outro; de um outro galo / que apanhe o grito de um galo antes / e o lance a outro; e de outros galos / que com muitos outros galos se cruzem / os fios de sol de seus gritos de galo, / para que a manhã, desde uma teia tênue, / se vá tecendo, entre todos os galos...”.

²⁸ Refiro-me àquilo que pode ser percebido pelos sentidos, às condições desta percepção para se perceber o que é belo.

²⁹ Não deveria haver mistérios e nem constrangimentos em *pensar globalmente e agir localmente*. Se não conhecermos bem o nosso “quintal”, o nosso micro universo, como é que poderemos compreender e conhecer bem o macro universo? “Da janela da minha cidade, enxergo o mundo”, escreveu o mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902 - 1987).

³⁰ O poeta João Cabral de Melo Neto nasceu na cidade de Recife - PE, no dia 09 de janeiro de 1920. Faleceu em 1999. Escreveu, dentre outros, “Morte e Vida Severina”.

Fontes de Consulta:

ÁVILA, Sebastião Alexandrino de. *Apontamentos sobre o Distrito de São Sebastião da Vitória* (título provisório). Inédito, 56 p., s.d.

BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARVALHO. Waldir Teixeira de (et alli). *Retalhos de Lembranças do Caquende*. Monografia. São João del-Rei, setembro de 2005.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del-Rei*, vols. I e II. Imprensa Oficial. Belo Horizonte. 1982.

Escola Estadual Nascimento Teixeira. *Planejamento Curricular*. Distrito de São Sebastião da Vitória. Arquivo Escolar E.E. Nascimento Teixeira (data ilegível).

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, tempo presente e história oral*. In: *Topoi (Revista de História)*, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1982, 15 ed.

HOUAISS Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Maria no Brasil – História-Iconografia-Folclore*. Petrópolis; Vozes, 5º ed., 1998.

MELO NETO, João Cabral de. *A Educação pela Pedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

Revista da Academia de Letras de São João del-Rei. São João del-Rei: CEMIG/UFSJ. Vols. 1 e 2, Anos: 2005 e 2006.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei. São João del-Rei: IHG/Funrei e IHG/UFSJ. Vols. IX e X. Anos: 2000 e 2002.

SACRAMENTO, José Antônio de Ávila. *São Sebastião da Vitória*. In: *Jornal Tribuna Sanjoanense*. São João del-Rei - MG, 31 Out. 2000. Edição 1044, p. 2.

SCARBOSSA, Mario. GIOVANNINI, Luigi. *Um Santo para cada dia*. Trad. Onofre J. Ribeiro. São Paulo: Paulinas, 1983.

Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo (cidade). Departamento do Patrimônio Histórico. *O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania*. Diversos autores. São Paulo: DPH, 1992.

SOBRINHO, Antônio Gaio Sobrinho. *São João del-Rei – 300 anos de histórias*. Ed. do A. 2006.

TELES. Edson Luís de Almeida. *Passado, memória e história: o desejo de atualização das palavras e feitos humanos*. In: *Urutáguá – Revista Acadêmica Multidisciplinar*, ano I, nº 3 Maringá, PR – Dezembro de 2001.

Nota do autor:

Para a elaboração deste artigo, além da bibliografia consultada, foram ouvidos diversos informantes ligados à memória da comunidade de São Sebastião da Vitória, principalmente. A todos eles, "in memoriam" ou não, apresento os mais sinceros agradecimentos pelos seus importantes depoimentos.



Igreja de Nossa Senhora da Vitória, a primeira do Distrito (arquivo do autor).



Cruzeiro e campanário da igreja de Nossa Senhora da Vitória; o campanário, como era costume, foi construído em torre separada do corpo da capela (arquivo do autor).



Matriz de São Sebastião da Vitória, quando da passagem dos integrantes da "Cavalgada Diamantina - Paraty" pela sede do Distrito / Estrada Real . (foto cedida pelo Sr. Wilson Leite).



Pe. Miguel Afonso de Andrade Leite, um dos sacerdotes que prestaram boa assistência religiosa ao povo do Distrito de São Sebastião da Vitória (arquivo do autor).



Pe. Antônio Domingos Batista Lopes, de batina branca – o primeiro, da direita para a esquerda – junto dos políticos são-joanenses (arquivo: Wainer Ávila).